

MINAS GERAIS

BOLETIM INFORMATIVO SOBRE
TECNOLOGIAS SOCIAIS EM
AGROECOLOGIA
ANO 1 / EDIÇÃO Nº 15 / MAIO DE 2019



ARTICULAÇÃO
NACIONAL DE
AGROECOLOGIA

Feira AGROECOLÓGICA



Foto: Guilherme Giorup/ ANA

Tecnologia social aplicada na Zona da Mata Mineira evidencia o trabalho das mulheres na agricultura familiar agroecológica e sua importância para a segurança alimentar e nutricional

Feminismo na ponta do lápis: CADERNETA AGROECOLÓGICA EMPODERA MULHERES E FORTALECE AGROECOLOGIA

A Caderneta Agroecológica é uma tecnologia social que vem sendo construída pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) desde 2009, em parceria com o Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas e o Grupo de Trabalho (GT) de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). Trata-se do monitoramento da quantidade, variedade, comercialização, consumo, troca e doação de alimentos produzidos por mulheres em quintais, hortas, lavouras, além de outras atividades como a produção de doces, queijos, conservas, biscoitos, pães e artesanatos. Seu desenvolvimento se fez necessário diante das desigualdades entre os gêneros e a divisão sexual do trabalho, historicamente estabelecidas na sociedade. Essa realidade também torna invisível o importante trabalho das mulheres na agricultura familiar e a fundamental contribuição delas na economia das famílias.

A microrregião da Zona da Mata Mineira é caracterizada pela agricultura familiar, tendo o café e a pecuária leiteira como principais culturas. Existe um importante processo de organização de agricultoras e agricultores familiares a partir do movimento sindical, que se articula ao movimento agroecológico em nível regional, estadual, nacional e internacional. A Caderneta Agroecológica foi utilizada por mulheres de 12 municípios da região, onde foram registradas e sistematizadas as informações sobre a produção de 64 agricultoras familiares. A análise dos dados trouxe resultados expressivos: o trabalho das mulheres garante renda significativa para as famílias, muitas vezes superior àquela proporcionada pelas culturas tidas como “principais” nas unidades familiares, a exemplo do café.

A Caderneta Agroecológica se soma a outras estratégias para superação da ideia de que as tarefas domésticas não são “trabalho” e que são de responsabilidade exclusiva das mulheres. Nela são registrados os alimentos que a família consumiu, doou, trocou ou vendeu a partir da produção das agricultoras. São anotados o tipo, a quantidade e o preço dos produtos. Toda a produção deve ser convertida em valores de mercado, incluindo a parte não comercializada. Dessa forma, fica evidente a renda não monetária produzida pelas mulheres e o trabalho não remunerado realizado por elas, ajudando, assim, a romper com mecanismos que as oprimem e as exploram.

QUINTAL DE CASA FAZ MILAGRE

Na agricultura familiar, em geral, os homens definem o que e onde plantar, com exceção dos quintais e arredores das casas, espaços de autonomia das mulheres. Nessas áreas, são produzidas hortaliças, frutas, plantas medicinais, ornamentais, sementes e algumas culturas de lavoura, como mandioca e feijão, associadas à criação de pequenos animais. Quando não monitorada, toda essa produção deixa de revelar a renda que representa, principalmente porque grande parte dos alimentos é consumida pela própria família,

Mulheres tomam notas para que o valor de seu trabalho deixe de cair no esquecimento





Fotos: Guilherme Gjorup/ ANA



Caderneta Agroecológica demonstra que quintais produtivos são espaços de grande diversidade de alimentos

amigas (os) e vizinhança. Além disso, os produtos são comercializados aos poucos, sendo que o dinheiro recebido também é gasto ao longo da semana.

Nessa situação, o montante gerado a partir do trabalho das agricultoras muitas vezes não chega a ser contabilizado. Por outro lado, a cultura tida como “principal” da unidade familiar é, geralmente, comercializada uma vez ao ano, gerando um alto montante de dinheiro. Nesse contexto, famílias agricultoras tinham a ilusão de que estavam recebendo muito mais com a “cultura de mercado” do que com aquela feita em menor escala nos quintais. No entanto, quando o valor recebido com a venda do café, por exemplo, é diluído ao longo de 12 meses e se descontam os gastos de mão de obra e de insumos da lavoura, percebe-se que o lucro é, muitas vezes, menor que o obtido com a produção nos arredores de casa. Assim, algumas das mulheres perceberam que a renda conquistada com seus cultivos era maior do que a obtida quando trabalhavam nas “safras principais”. A partir disso, houve uma substituição de mão de obra. Por exemplo, não foi mais preciso parar com a produção de quintais durante a época de colheita, como era de costume das famílias.

Mas também houve dificuldades nesse processo. O principal contratempo encontrado foi conquistar a disciplina para realizar as anotações diariamente. Boa parte das mulheres deixava de anotar sua produção após três ou quatro meses, por já verificarem a renda média obtida nesse período. Mas como a produção varia muito ao longo das estações do ano, é fundamental que a anotação ocorra por um período de, no mínimo, 12 meses. Cabe ressaltar que parte delas encontrou dificuldades para fazer os registros, por não saberem escrever, por falta de tempo ou por saírem muito de casa para exercerem seu papel de liderança. Essas questões têm sido resolvidas com a ajuda de outros membros da família, principalmente das filhas e filhos.

Mas, no geral, as experiências na Zona da Mata Mineira têm demonstrado que a Caderneta Agroecológica é uma ferramenta simples e fácil de ser compreendida e manipulada pelas agricultoras. As mulheres assumiram a anotação da produção como militantes, por serem do movimento de mulheres e quererem provar o valor do seu trabalho. Dessa forma, conseguiram fazer uma melhor análise e um planejamento mais eficiente da produção de alimentos. A ferramenta tem conseguido demonstrar que os quintais são espaços de grande diversidade dos agroecossistemas.

Antes os alimentos cultivados pelas agricultoras eram pouco valorizados, porém, ao perceberem a renda que eles traziam, as famílias começaram a potencializar tais plantios. Com isso, o próprio mercado passou a demandar essas variedades. Assim, as mudanças trazidas pela Caderneta Agroecológica contribuíram para a diversificação da produção e da alimentação das famílias, favorecendo a geração de renda, a saúde e a segurança alimentar e nutricional.

MULHERES E SUAS CADERNETAS ULTRAPASSAM FRONTEIRAS

A Caderneta Agroecológica também auxiliou as mulheres no acesso às políticas públicas. O registro da produção agrícola foi importante para que algumas conseguissem acessar a Declaração de Aptidão (DAP) para acessar o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), assim como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) e os programas de habitação rural. Nesse contexto, um projeto aprovado em edital do Ecoforte teve importante papel para a articulação das agricultoras, possibilitando a estrutura necessária para a assessoria técnica por meio de oficinas de práticas agrícolas e beneficiamento de produtos agroecológicos, estímulo à organização das mulheres nas comunidades, além do monitoramento de suas produções.

O trabalho das agricultoras familiares nos quintais ganhou destaque na produção agroecológica e virou tema de intercâmbios e trocas de experiências. Mas, talvez, o principal benefício tenha sido em relação à autoestima das mulheres. Ter consciência e comprovação do valor do seu trabalho e da sua produção gerou empoderamento, tanto em nível familiar, quanto nos espaços coletivos de representação, como sindicatos, cooperativas e associações. Muitas agricultoras começam a assumir cargos de liderança nestas organizações e a criar seus próprios grupos produtivos. Começaram também a fazer mobilizações para levar a novidade para outras mulheres.

As concepções que fundamentam a Caderneta Agroecológica têm interface com a economia feminista, um conceito centrado na sustentabilidade da vida, e não apenas nas relações de mercado. Essa tecnologia social não deve ser usada apenas como um instrumento para a mensuração da produção. Para o seu sucesso, é imprescindível um trabalho de valorização e formação visando o enfrentamento das desigualdades no dia a dia das mulheres. Assim, é possível trazer de fato o reconhecimento da sua contribuição na produção e na diversificação dos cultivos agroecológicos. A Caderneta Agroecológica nasceu na Zona da Mata Mineira, mas já se espalhou por territórios da Amazônia, Nordeste, Sul e Sudeste do país a partir da ação do Grupo de Trabalho (GT) de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). No total, cerca de 1000 mulheres já utilizaram a ferramenta.

PARCERIA



APOIO



ISBN 978-85-87116-31-4



9 788587 116314

